



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

TRABALHO DE CULMINAÇÃO DE ESTUDOS

**Vivências e relações sociais reconfiguradas em tempos da
COVID-19: Um estudo a partir dos rituais fúnebres na cidade
de Maputo**

Candidato: Yuri Albino Chissano

Supervisor: Danúbio Walter Afonso Lihaha

Maputo, Novembro 16 de 2022

Vivências e relações sociais reconfiguradas em tempos da COVID-19: Um estudo a partir dos rituais fúnebres na cidade de Maputo

Trabalho de Culminação de Estudos apresentado na modalidade de projecto de pesquisa ao Departamento de Arqueologia e Antropologia, Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia.

Aprovado em _____ de 2022 por:

Supervisor(a)

Presidente

Oponente

Maputo, Novembro 16 de 2022

Declaração

Eu, Yuri Albino Chissano, estudante do curso de licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, declaro por minha honra que este relatório de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para a obtenção de qualquer grau académico.

Assinatura

Yuri Albino Chissano

Maputo, Novembro 16 de 2022

Dedicatória

Dedico este trabalho a toda minha família e, em especial aos meus irmãos, com esperança de que este trabalho sirva como uma fonte de inspiração para futuro deles, é dedicado de igual modo aos meus pais, pilares da minha formação como ser humano, e em especial ao meu irmão Aurélio Albino Chissano (minha referência e um amor em pessoa), que foi e continua sendo meu espelho para a academia.

Agradecimentos

Várias foram as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho. Em primeiro lugar, quero expressar a minha imensa gratidão a DEUS pelo precioso dom da vida e por tudo quanto tem feito em minha vida, de igual modo, agradeço a toda equipa de docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane que tornou possível a minha formação.

Nesta senda, quero salientar a minha enorme gratidão ao Dr. Danúbio Lihaha meu supervisor, por ter dispensado seu rico saber em prol deste trabalho. Além disto, ele deu o seu melhor para me ensinar e orientar na minha carreira académica, fazendo parte da lista dos meus génios inspiradores para o conhecimento, isso justifica a minha escolha para supervisão deste trabalho. Sua influência na minha formação e neste trabalho são notáveis.

Os meus agradecimentos vão igualmente a todos os meus colegas da UEM e em particular os da minha turma que, durante os quatro anos partilhamos conhecimentos e experiências tendo construído amizades. Quero salientar que deste todo, agradeço aos meus colegas e amigos desde o primeiro ano nesta Universidade, Alberto Xirinda, Esaú Ndimba, Gilberto Machava e Bélio Manhiça que foram e continuam sendo meus companheiros, tanto da formação assim como da vida.

Aos meus pais, Albino Chissano, Filomena Tivane e Cecília Loforte pelo seu amor incondicional. Aos meus irmãos: Aurélio Chissano, Osvaldo Chissano, Yolanda Chissano, Joaquina Gomes, Tarsícia Chissano, Edite Chissano, Agostinho Chissano, Silvia Chissano, Rodney Chissano. A minha namorada Elina Honwana e aos meus sobrinhos Benny e Bruno Bachir, ao meu tio Edmundo Chissano, e agradeço André e Manuel Matsinhe pela sua disponibilidade sempre que eu tivesse problemas com meu computador. Obrigado a todos pela força e motivação que sempre me deram para correr atrás dos meus sonhos.

A TODOS VÓS, VAI A MINHA MAIS PROFUNDA & SINCERA GRATIDÃO

Lista de Acrónimos e Siglas

HCM- Hospital Central de Maputo.

INS- Instituto Nacional de Saúde.

UEM-Universidade Eduardo Mondlane.

UTI -Unidade de Tratamento Intensiva.

Resumo

Em uma pandemia, vivenciamos tanto as perdas de vidas humanas, quanto as perdas de empregos, de conexões sociais presenciais e rotinas. Estamos vivendo diferentes formas de luto em larga escala social. Este cenário aliado ao distanciamento social, necessário para a contenção do contágio da doença, leva à reconfiguração, suspensão ou ausência de estratégias tradicionais de luto e rituais de despedidas. O objectivo deste estudo foi compreender como a ausência de ritual fúnebre impacta no processo de viver o luto das famílias Moçambicanas vítimas da COVID-19. A ritualização da morte é indissociável do processo de elaboração das perdas e procuramos mostrar nessa pesquisa, como a ausência de rituais fúnebres aliado ao distanciamento social podem repercutir por gerações e de forma desafiadora para a sociedade e para os profissionais em saúde mental.

Palavras-chave: Luto. Rituais de despedida/fúnebres. Pandemia. Vivências. Relações sociais reconfiguradas.

Índice

Declaração	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Lista de Acrónimos e Siglas	iv
Resumo	v
CAPÍTULO I.....	1
1. Introdução.....	1
1.1. Justificativa e pertinência.....	3
CAPÍTULO II.....	4
2. Revisão de literatura.....	4
2.1. Problemática	8
CAPÍTULO III	10
3. Enquadramento teórico e conceptual	10
3.1. Definição de conceitos.....	11
3.1.1. Luto	11
3.1.2. Rituais fúnebres.....	12
3.1.3. Perigo	12
3.1.4. Morte	12
CAPÍTULO IV	13
4. Procedimentos metodológicos.....	13
4.1. Métodos e etapas da pesquisa	13
4.2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados	13
4.3. Questões éticas.....	14
4.4. Critério de seleção de informantes da pesquisa	15
4.5. Constrangimentos no processo de recolha de dados.....	16
CAPÍTULO V	17

5. Apresentação, discussão e análise de resultados	17
5.1. Emoções das famílias e agentes funerários face as reconfigurações dos rituais fúnebres	17
5.2. Realização dos rituais fúnebres em tempos da pandemia de Covid-19	19
CAPÍTULO VI	27
6. Considerações finais.....	27
7. Referências bibliográficas	28

CAPÍTULO I

1. Introdução

O presente estudo é exploratório do tipo qualitativo com carácter descritivo, no qual pretendemos analisar as Vivências e relações sociais reconfiguradas em tempos da COVID-19: Um estudo a partir dos rituais fúnebres na cidade de Maputo, visto que no ano de 2020, o mundo se encontrou diante de um novo inimigo comum: as complicações causadas pelo novo coronavírus (Coronavirus Disease-COVID-19). Inicialmente reportada na província de Wuhan, na China, em Dezembro de 2019, a doença foi caracterizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma emergência de saúde pública de preocupação internacional em 30 de Janeiro de 2020. Em 11 de Março de 2020, frente ao rápido crescimento do número de infectados e mortes pela COVID-19 nos mais diferentes países, a OMS passou a declarar a situação como uma pandemia.

A partir de então, uma série de orientações provisórias da Organização Mundial da Saúde passou a ser editada, no intuito de desencadear políticas públicas de emergência em todos os países, cada qual conforme seu caso específico. A transmissão de doenças infecciosas também pode ocorrer por meio do manejo dos cadáveres das vítimas, com essa preocupação relativa aos profissionais envolvidos com os cuidados com o corpo, uma série de recomendações foram formuladas no que diz respeito ao armazenamento dos corpos, exames cadavéricos e velórios.

Não menos importantes são as directrizes, recomendações e até proibições das práticas de despedida dos entes falecidos. O aumento do número de casos que se vem registando desde o início de 2021 obrigou o governo a voltar a políticas restritivas de confinamento. No Decreto Presidencial n.º 11/2020, o Presidente Nyusi anunciou uma série de 24 medidas, entre as quais a obrigatoriedade de realização de testes para entrada no país; redução do horário de funcionamento ou encerramento de restaurantes, lojas e estabelecimentos similares; encerramento de praias e estabelecimentos culturais e de entretenimento; e eventos desportivos serão realizados sem público, o encerramento de lugares de culto, conferências e similares; novas limitações ao funcionamento de estabelecimentos comerciais; adiamento do reinício das aulas presenciais; suspensão de

treinos e competições desportivas, incluindo o Moçambola; e introdução do recolher obrigatório no período nocturno na Área Metropolitana de Maputo.

Cientes de que se trata de um fenómeno que hipoteticamente pode ser associado às mutações e transformações dos aspectos da vida social e cultural ao longo dos tempos, assim, veio à luz como objeto de pesquisa o impacto que esse momento histórico trouxe para o campo da saúde mental, social e cultural delimitado ao processo de luto decorrentes da perda por morte nas famílias e a inviabilidade de funeral e sepultamento com aglomerado de pessoas afetivamente ligados a vítima do coronavírus.

A nossa análise se centra em dois momentos cruciais: no primeiro momento, vamos procurar compreender que consequências a pandemia da Covid-19 trouxe e que mudanças produziu nos processos rituais fúnebres, na questão do manuseamento dos caixões a partir da Morgue até no momento da chegada no cemitério. E no segundo momento, procurar saber do pessoal que lida directamente com os mortos (Tanatopraxista) e Agentes funerários, que estratégias implementaram para fazer face a essa reconfiguração dos rituais fúnebres, e que também produziu alterações profundas nas famílias que vivenciam esse luto, a questão da redução das pessoas e redução das horas para realização do velório. Para aproximarmo-nos desta meta, traçamos os seguintes objectivos específicos:

- ❖ Procurar captar as emoções comportamentais dos trabalhadores funerários diante dum morto por Covid-19 e como estes vivem e incorporam a morte no seu quotidiano, tendo em conta as noções de poluição, perigo e impureza ligadas ao contacto com os mortos no contexto pandémico;
- ❖ Procurar compreender que ruptura, condições e imposições houve em questões de saneamento para não difusão e propagação da Covid-19;
- ❖ Compreender quais são os impactos e interpretações geradas pelas famílias face a reconfigurações de rituais fúnebres durante a pandemia;
- ❖ Compreender quais são as percepções e significados que os indivíduos constroem ao não adeus ao seu ente querido numa forma física.

Logo, os objetivos específicos da pesquisa servem para melhor compreender e unir o simbólico com o prático, buscando encontrar meios de acolhimento de enlutados quando estes são impedidos de realizar o ritual de despedida condizente com a cultura que está inserido, visto que este cenário se apresenta, atualmente, como uma realidade cada vez mais presente neste contexto de mudanças sociais, históricas e culturais que vivemos no país e compartilhamos com o mundo.

1.1. Justificativa e pertinência

Esta pesquisa parte da importância de reconhecer os processos de perda vivenciados ao longo da vida como caminho para a compreensão do lugar ocupado pelo ritual de despedida no processo de luto, como espaço para significação da perda, e do ponto de vista que as informações quotidianas da pandemia e dos seus impactos com relação à gestão da morte produzem inquietações que merecem ser submetidas ao olhar antropológico, visto que as transformações nos rituais e práticas fúnebres em Moçambique produzem consequências nas dinâmicas sócio espaciais que nos instiga a discutir e analisar.

Sob o ponto de vista antropológico, o presente trabalho de pesquisa será relevante à medida que contribuirá para uma análise e compreensão do nível de conhecimento, concepção e acima de tudo o posicionamento das pessoas da Cidade de Maputo, face a vivências nos rituais fúnebres nos tempos da pandemia de Covid-19, e dará um contributo teórico e científico sobre a propagação da Covid-19 na Cidade de Maputo.

Apesar de não haver uma lacuna teórica acerca do papel dos rituais para os processos do luto, creio que a união deste tema com o contexto específico da pandemia é um espaço que ainda não foi investigado e com minha pergunta de partida pergunto espero preencher juntamente com o desenrolar das vivências, criando assim uma oportunidade ímpar de agregar em tempo real aos estudos desenvolvendo esta temática com grande potencial. O significado, as explicações, os rituais de passagem entre a vida e a morte e o processo de enlutamento variam conforme cada sociedade e suas diferenças culturais, cosmológicas e religiosas, bem como as circunstâncias em que ocorre a morte.

Cada sociedade é responsável por estabelecer os códigos culturais aceitáveis para o estabelecimento de rituais fúnebres de seus entes queridos, que envolvem desde cerimónias de despedidas, homenagens, até modos diversos de tratamento dos corpos, como o enterro ou a cremação.

CAPÍTULO II

2. Revisão de literatura

Dentre todos os seres vivos, o homem é o único que tem consciência que irá morrer. De acordo com Guerreiro (2014), o homem morre desde que nasce; morre em cada instante, porque a morte não surge no momento em que se morre - existe desde o nascimento, como 'processo'. A morte só pode ser definida quando relacionada à definição de 'vida' que coexiste em si com a morte, como polaridades contrárias, mas complementares. O homem caminha para a morte desde que inicia a vida, a partir do momento em que é dado à luz. Assim, a morte nos impõe a verdade da vulnerabilidade humana e a limitação do ser. Estamos sempre caminhando com e em direção a ela que representa, em vida, um enigma e um mistério que nunca poderá ser desvendado.

Porém, na época moderna, apesar da aparente continuidade dos temas e ritos, a morte problematizou-se e furtivamente afastou-se do mundo das coisas mais familiares e naturais. Kovács (1992), destaca que o corpo morto passa a ser escondido, pois é insuportável para os olhos. Os caixões são usados para esconder o corpo. O embalsamamento, ritual tão antigo continua a ser usado como forma de conservar viva a imagem do morto como uma forma de negar a morte. Assim progressivamente a morte tomava uma outra forma, mais distante ao mesmo tempo que mais dramática e tensa. Chegamos a um novo sentido, a partir do Século XIX, onde a morte é exaltada, dramatizada e arrebatadora ao mesmo tempo em que o homem não se ocupa mais da sua própria morte e passa a ser um fenômeno atribuído 'ao outro'.

Assim como a morte é encarada por Genep (2011), como um processo, o luto como acompanhante da morte também se identifica como processo e não estado, que engloba as reações frente a perda. Toda perda significativa pressupõe o luto, que pode ser entendido segundo Fukumitsu (2012), como um processo de ajustamento e elaboração do sentimento de pesar perante a perda. O luto encontra-se ao lado da morte, como evento, e ao lado da vida como processo. É um percurso de mão dupla, uma busca preservar a lembrança, a outra busca a abertura para a construção de novos laços afectivos. Sim, a perda é angustiante e assustadora e, muitas vezes, parece insuportável. Mas a perda não é apenas subtracção.

Hoje a ‘morte invertida’ tornou-se um evento particular, experienciado longe dos olhares da sociedade para além dos muros do hospital por ser insuportável para aqueles que a testemunham, a sustentação desse momento acaba restando apenas à equipe hospitalar. Chegamos em um ponto em que o homem se tornou alienado de sua própria morte. O eloquente cenário de coexistência de vida e morte, como caminhos trilhados juntos, oscilou em nossa época, tendo a morte se tornado a inominável e estéril.

A perda também é mudança. Nossa sociedade é dependente e organizada em volta dessas perdas pois elas dão significado a nossa vida. Todas as coisas morrem e todas as coisas são recompostas e feitas novas novamente. Onde as lacunas são deixadas, algo sempre as preenche. Partindo do entendimento do luto como algo que não deve ser reprimido e nem negado, encaramos segundo Ceccon (2017), o sentir e sofrer no ritual como parte inalienável da ressignificação da perda do ente querido. Alinhados ao entendimento de Bayard (1996) onde os ritos fúnebres coincidem com a fase inicial do luto, é possível encará-los como espaços potentes para a elaboração da perda, contribuindo para o bem-estar psíquico, pois mesmo sofrendo com a perda, o ritual auxilia na organização psíquica da vida sem o ente querido. Vivenciar o luto é importante, assim como participar dos rituais fúnebres.

O debate em torno de representações sociais da morte é levado a cabo à luz de três perspectivas principais, nomeadamente: Biológica ou organicista, espiritual e Sócio antropológica. Homenagear e demonstrar carinho e apreço por um familiar ou amigo morto faz parte de diversas culturas. São vários os hábitos e os rituais simbólicos para lidar com a morte do ente falecido, os quais estão perdendo valor no contexto da pandemia actual. Geertz (1989), permitiu dialogar na construção desse conhecimento e relacionar rito, sociedade e transformação com vistas a compreender a cultura da comunidade que pretendo estudar.

A perspectiva biológica ou organicista é de carácter determinista, e sendo assim, olha para a morte como oposição à vida e fim de um processo cíclico, isto é: os seres vivos obedecem a um ciclo de vida que se resume em nascer, crescer, reproduzir, viver e morrer.

E, centra a sua atenção nos aspectos clínicos da morte, tais como a paralisação e disfunção dos órgãos biofísico e químicos, fazendo dela um fenómeno negativo, um mal a carecer de um tratamento e que deve ser tratado por profissionais de saúde, Lima {s/d}; Giacoia Júnior, (2005); Steimpach, (1993).

A relação com outras pessoas traz diversos benefícios e tem ligação direta com a saúde física e mental. A pandemia trouxe uma série de adaptações e talvez essa tenha sido uma das principais: o convívio mudou, até mesmo com quem os mais próximos. Em conjunto estes elementos afectam a qualidade de vida e as relações sociais e familiares (Smith & Freedman 2020).

A segunda perspectiva, a Espiritualista que reclama o ser humano como cidadão de dois mundos «Esfera terrestre» e «Esfera celestial», no primeiro habita o corpo e no segundo o espírito, portanto, a morte seria um meio através do qual transita-se de um mundo para o outro. Desta forma, a morte aqui é entendida como um processo que dá continuidade à vida num outro plano.

Nesta ordem de ideias, autores como Van Gennep (2011) e Giustiniani (1993) sugerem que a morte marca uma viagem do “mundo profano ao mundo sagrado” ou transição do “plano físico para o metafísico.” Entretanto, repudia a ideia segundo a qual a morte é um fenómeno mau e terrível, pois não é fim da vida, e sim uma passagem para outra, contrariamente à perspectiva anterior que olha para a morte como a cessação da vida.

A Perspectiva Sócio-antropológica, discute a temática numa dimensão holista, isto é: abarca aspectos biológicos, simbólicos e culturais da morte. Autores como Morin (1997) Lihache, (2010a), sugerem que a morte tem de ser vista como um fenómeno Biossocial, uma vez que transcende as fronteiras do biológico e estende-se ao plano do social. Contudo, é uma abordagem através da qual pode-se entender diversos aspectos inerentes à morte enquanto uma instituição.

A dimensão socio-antropológica reconhece a universalidade, mas reitera que, a morte mais do que natural, encontra-se na vida dos homens imbuída de valores culturais, através dos quais, constroem a sua visão do mundo, o que lhe confere a categoria de fenómeno social total. Ou seja, é um fenómeno que comporta dimensões económicas, políticas, religiosas ou espiritualistas, sociais e entre outras.

Observar e analisar as transformações provisórias (ou não) nos rituais e práticas fúnebres em Moçambique, em virtude do fenómeno internacional do COVID-19, significa submeter essa nova gestão da morte à análise de uma Geografia que deve continuar atenta às leituras e interpretações dos significados e dos simbolismos contidos nos lugares, nas paisagens e no cotidiano, pois isso, como diz Cosgrove (1998:121), “nos diz muito sobre nós mesmos”.

Quanto aos rituais praticados após a morte, Bee (1997) analisa que funerais ou outros rituais de morte atendem a diferentes funções, que incluem a definição dos papéis para os enlutados, a aproximação da família e o proporcionar um sentido à vida e à morte do falecido.

Ou seja, faz parte do processo de luto a família e amigos poder vivenciar um ritual, sendo, muitas vezes, caracterizado por estilos diferentes de velórios ou funerais, dependendo de cada cultura. Sua significação é grande para os próximos do desaparecido e para a sociedade: o importante é não descontentar o espírito do morto, que correria o risco de se ver vagar, todo pleno de malevolência, na vizinhança dos vivos. Convém permitir a viagem rápida e agradável até a estadia dos defuntos.

Segundo (Ariés 1985 & Pina Cabral 1989), o prestígio social da família é avaliado em termos do número de presenças junto ao defunto, no velório, na missa de corpo presente e no funeral. Segundo Ariés (1989), o mito surge e funciona como mediação simbólica entre o sagrado e o profano, condição necessária à ordem do mundo e às relações entre os seres.

O autor analisa os diversos tipos de mito e diz que “nas histórias ‘verdadeiras’, defrontamo-nos com o sagrado e o sobrenatural; as ‘falsas’, ao contrário, têm um conteúdo profano”. Este contacto direto com o cadáver é necessário e salutar: os casos de mortes violentas que não permitem a visualização do corpo no velório são considerados como uma “má morte”.

Analisando os discursos femininos sobre os corpos familiares que ali repousam e pelos quais elas velam, discernem-se representações sociais desses corpos através de mecanismos metonímicos correntes e sistemáticos, presentes na linguagem e na vida quotidiana (Lakoff & Johnson 1980).

A corporalização de determinados objectos que passam a ser tratados como se do próprio defunto se tratasse é uma dessas instâncias. Todos os homens são capazes de reforçar ou diminuir o ser de outro homem. O que pode permitir a compreensão das formas de domesticação e mecanismos sociais accionados para gerir um fenómeno (contacto com cadáver/morto e a própria morte) que em certos fóruns é considerado ameaça à saúde e bem-estar públicos como acentuam Caparroz de Souza & Boemer (1998:36) para quem “o constante contacto com cadáveres faz com que os trabalhadores estejam sob o risco de contrair doenças” e é reprimido, metaforizado no quotidiano e revestido de ocultismo como sublinha Morin (1997).

2.1.Problemática

A COVID-19 é uma doença respiratória causada pelo vírus SARS-CoV-2 e apresenta como principais sintomas febre, tosse seca e dificuldade respiratória. Essa doença é transmitida, principalmente, de uma pessoa para outra por meio das gotículas respiratórias. Segundo a OMS (2021), retratam que considerando que ainda não há uma vacina eficaz para Covid19 disponível à população, há necessidade de se manter o distanciamento social e tantas outras medidas de prevenção impostas pela OMS.

Entendendo que o homem se constitui nas relações sociais ao mesmo tempo em que é constituinte das mesmas, destaca que a aprendizagem formal tem um importante papel nesse processo, pois a apropriação do conhecimento sistemático permite outras possibilidades do ser humano frente à realidade.

Estas medidas contrariam as práticas de muitas culturas africanas, onde é comum em funerais a presença de dezenas ou mesmo várias centenas de pessoas para dizer o último adeus ao falecido e consolar a família enlutada.

Segundo a INAE (2020), o incumprimento das medidas de prevenção, sobretudo o não uso das máscaras, redução de participantes nos cemitérios e em alguns eventos associados e o distanciamento físico, por parte da população da província de Maputo, levou às autoridades Municipais a destacarem agentes para alguns cemitérios da urbe e morgue dos Hospitais, devido a denúncias de casos de violação das medidas de prevenção da covid-19 durante os rituais fúnebres.

A conexão social é uma necessidade humana fundamental. Para se ter uma ideia da dimensão da situação de crise sem precedentes, houve necessidade da redução de números de participantes nos rituais tradicionais, a importância dos ritos reside no seu desenvolvimento e imposição silenciosa aos participantes do ritual em sociedades simples ou complexas. A aceitação e repetição dos ritos numa sociedade, é uma demonstração da necessidade da sua existência, onde a polissêmica significação dos seus eventos pode-se explicar pelas características, necessidades e evolução de cada sociedade.

CAPÍTULO III

3. Enquadramento teórico e conceptual

O tópico fundador dos estudos socioantropológicos da morte é “as representações colectivas em torno da morte.” Desenvolvido por Robert Hertz, considerado um dos clássicos da literatura antropológica sobre a morte e discípulo de Durkheim e Mauss (Pina Cabral, 1984:350).

O conceito e ao mesmo tempo teoria das representações sociais, que aqui utilizo é uma tradução de Moscovici (1978) da noção das representações colectivas criada por Durkheim, para quem as representações colectivas traduzem a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objectos que o afectam.” Segundo Durkheim as representações “traduzem a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objectos que o afectam.” (De Oliveira 2012).

Neste estudo, utilizo o conceito e teoria das representações sociais proposto por Serge Moscovici (1978:25): “...as representações sociais constituem uma série de opiniões, explicações que são produzidas a partir do quotidiano dos grupos, sendo a comunicação interpessoal importante neste processo”.

Ou seja, representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade quotidiana, uma forma de conhecimento da actividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objectos e comunicações que lhes concernem.

Para o caso específico dos trabalhadores das agências funerárias, trabalhadores da morgue e os coveiros do cemitério de Lhanguene, constata-se que as formas de representações e práticas à volta do contacto com cadáveres no contexto pandémico são influenciadas pela maneira como o grupo interpreta e pensa a sua ação quotidiana.

As representações sociais são um conhecimento prático que dá sentido aos eventos que nos são normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da nossa realidade. (Moscovici 1978:128-129; Spink 1993).

Neste estudo concebo representações sociais como forma de ver o mundo ou cosmologia dos trabalhadores das agências funerárias, trabalhadores da morgue e os coveiros do cemitério de Lhanguene, por meio da qual se ligam à vida, orientam, fundamentam as suas ações quotidianas e afirmam a sua existência em diferentes contextos e situações das suas vidas.

Neste estudo, também utilizo as noções de pureza e perigo como são discutidas por Douglas: a noção de pureza na aceção desta autora, corresponde às ações e aos objectos incorporados como normais ou puras, isto é: que estão no lugar para o qual foram concebidos e são benéficos à sobrevivência da ordem social. E, Perigo corresponde a todas as ações, práticas ou objectos que podem ser representados ou simbolizados como afronta, ameaça à ordem social, numa determinada estrutura cósmica ou social bem definida. São coisas “fora do lugar”, é uma fonte de impureza e desordem, é um elemento contagioso e de poluição social através de objectos e contacto entre membros de uma dada formação social. “A poluição é um tipo de perigo que se manifesta com mais probabilidade onde a estrutura cósmica ou social, estiver claramente definida.” (Douglas, 1991:85).

A noção de perigo constitui um elemento ambivalente, sendo por um lado, símbolo da desordem, por outro, símbolo de poder, porque qualquer homem capaz de restabelecer o equilíbrio social através de um ritual, confere-se-lhe o poder e prestígio. “A ordem ideal da sociedade é mantida graças aos perigos que ameaçam os transgressores. Estes pretensos perigos são uma ameaça que permitem a um homem exercer sobre outro um poder de coerção”. Por seu turno, Granjo (2004) define Perigo como qualquer ameaça à integridade das pessoas, dos seres e das coisas, cuja existência é percebida e reconhecida como uma potencial causadora de danos.

3.1. Definição de conceitos

3.1.1. Luto

De acordo com Freitas (2013), o luto é uma experiência dura e profunda de perda, além de evocar sentimentos acerca da própria condição de mortalidade. Em momentos de perda pela morte, é compreensível que parte da reflexão daqueles que sobreviveram seja voltada para si mesmos, a partir da percepção de que aquilo também acontecerá com ela.

Na perspectiva de Genep, o luto é um estado de margem para os sobreviventes, no qual entram mediante ritos de separação e do qual saem por ritos de reintegração na sociedade geral (ritos de suspensão do luto). Em alguns casos este período de margem dos vivos é a contrapartida do período de margem do morto.

3.1.2. Rituais fúnebres

Os rituais podem ajudar a simbolizar a morte do ente querido, favorecendo a reintegração no quotidiano e na sociedade, integração que foi interrompida pela mudança que a perda ocasiona, Souza (2019). Os indivíduos para os quais não foram executados os ritos fúnebres, assim como as crianças não baptizadas ou que não receberam o nome, ou não foram iniciadas, são destinados a uma existência lamentável, sem poder jamais penetrar no mundo dos mortos nem se agregarem à sociedade aí constituída.

Em “O Culto dos Mortos”, Catroga (2010), define os ritos funerários como comportamentos complexos que espelham os afectos mais profundos e guiam o defunto no seu destino post-mortem e têm como objectivo fundamental superar o trauma e a desordem que toda a morte provoca naqueles que ficaram vivos.

3.1.3. Perigo

Grnjo (2004) define Perigo como qualquer ameaça à integridade das pessoas, dos seres e das coisas, cuja existência é percebida e reconhecida como uma potencial causadora de danos. A noção de perigo constitui um elemento ambivalente, sendo por um lado, símbolo da desordem, por outro, símbolo de poder, porque qualquer homem capaz de restabelecer o equilíbrio social através de um ritual, confere-se-lhe o poder e prestígio. “A ordem ideal da sociedade é mantida graças aos perigos que ameaçam os transgressores. Estes pretensos perigos são uma ameaça que permitem a um homem exercer sobre outro um poder de coerção”.

3.1.4. Morte

Van Genep (2011) e Giustiniani (1993) sugerem que a morte marca uma viagem do “mundo profano ao mundo sagrado” ou transição do “plano físico para o metafísico.” Entretanto, repudia a ideia segundo a qual a morte é um fenómeno mau e terrível, pois não é fim da vida, e sim uma passagem para outra, contrariamente à perspectiva anterior que olha para a morte como a cessação da vida.

CAPÍTULO IV

4. Procedimentos metodológicos

Gil (2002), a metodologia é conjunto detalhado de métodos e técnicas científicas executadas ao longo da pesquisa, de tal modo que se consiga atingir objectivos inicialmente propostos e ao mesmo tempo, entender os critérios de menor custo, maior rapidez, maior eficácia e mais confiabilidade de informações. Segundo Gil (1995), o método é definido como conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adoptados para se atingir o conhecimento e procura garantir a objectividade necessária ao tratamento dos factos sociais, oferecendo normas gerais destinadas a estabelecer a ruptura dos objectos científicos com o senso comum.

4.1. Métodos e etapas da pesquisa

Quanto ao método usado no presente trabalho é qualitativo que tem a capacidade de incorporar a questão do significado e interferência, como inerentes aos actos, às relações, e às estruturas sociais, estas, tomadas são no seu advento transformação, de construções humanas significativas (Minayo 1996). O pressuposto fundamental do método é de alavancar os factos e fenómenos sociais, encarados diante da consciência dos indivíduos, na medida em que estamos a analisar os factores e motivações que estão por detrás da sua participação quotidiana na praça para um fim. Trata-se de um método que, de acordo com Bernarde (1991), parte da crença de que as verdades essenciais acerca da realidade social são baseadas na experiência vivida, ou seja, no que os participantes vivem, percebem, pensam e sentem nas suas vivências.

4.2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

O processo de recolha de informação orientou-se pela observação directa, entrevistas semi-estruturadas e histórias de vida. Observámos práticas mortuárias, tais como transporte de cadáveres, cortejos fúnebres, funerais, práticas pré e pós enterramentos entre estes profissionais, preparação de covas, negociação de serviços funerários, o que permitiu ao pesquisador captar e descrever emoções, sentimentos, discursos, as formas como os sujeitos deste estudo incorporam o contacto com os mortos no seu quotidiano.

Todas as observações e entrevistas decorreram no meio de semana (2^a,3^a,4^a e 6^a feiras), nos períodos de manhã e de tarde. Efectuamos Onze (11) entrevistas com recurso ao diário de campo, gravador de voz com recurso a um telemóvel e técnica de memorização. Segundo Guber (2001), entrevista é uma relação social através da qual se obtém enunciados e verbalizações em uma instância de observação directa e de participação.

A partir daquilo que ouvimos e vimos no campo, fomos construindo um guião de perguntas que achamos relevantes, o que permitiu aos informantes falarem das suas experiências sem influência do pesquisador, pois as questões foram sendo elaboradas e aperfeiçoadas no decurso da pesquisa etnográfica, e tomando em consideração as respostas e explicações dos participantes do estudo.

A entrevista semi-estruturada segundo Marconi e Lakatos (2003), permite ao entrevistador ter liberdade para desenvolver cada questão que considere adequada. Ou seja, a entrevista semi-estruturada permite que não limitemos os nossos entrevistados em termos de informação, permitem ao investigador retirar das suas entrevistas informações e elementos de reflexão ricas e sua caracterização por um contacto directo entre o entrevistador e os seus interlocutores.

4.3. Questões éticas

Por ser um tema muito sensível que existe, e que lida com morte e rituais fúnebres, optei por usar nomes fictícios para ser fidedigno aos meus informantes e sem nenhuma imagem por questões de pedido dos informantes com medo que eu pudesse divulgar nas redes sociais a posterior.

4.4. Critério de seleção de informantes da pesquisa

A exploração do campo começou na Morgue do Hospital Central de Maputo, com objectivo de identificar pessoas que se encaixassem à categoria de trabalhador funerário. O que quer dizer que escolhi intencionalmente, pois, identifiquei através de traços como uniforme, conduzir carro escrito “agência funerária”, trazer urnas, levar ou deixar cadáveres e portar ferramentas técnicas e/ou de trabalho como pá para o caso dos coveiros, tudo isso foi feito com recurso à uma pergunta: “O senhor trabalha para uma agência funerária/é coveiro?”

Deste modo, abaixo apresento a listagem e o perfil das pessoas seleccionadas para entrevistas e conversas levadas a cabo no terreno.

Nº	Nome (fictício)	Idade	Estado civil	Ocupação
1	Nelson	60	Casado	Motorista
2	André	35	Solteiro	Tanatopraxista
3	Cândido	50	Casado	Professor
4	Castigo	44	Casado	Coveiro
5	Humberto	30	Casado	Tanatopraxista
6	Cacilda	30	Casada	Tanatopraxista
7	Rodney	20	Solteiro	Estudante
8	Hermínia	40	Solteira	Psicóloga
9	Nelson	40	Casado	Motorista
10	Benny	63	Solteiro	Tanatopraxista
11	Agostinho	60	Solteiro	Motorista

Tabela 1: **Perfil dos entrevistados.**

4.5. Constrangimentos no processo de recolha de dados

Durante o processo de recolha de dados houve situações que dificultaram a recolha de dados. O primeiro diz respeito ao acesso aos informantes uma vez que a medida em que me aproximava deles como estudante da Universidade Eduardo Mondlane e mesmo depois de apresentar a credencial, percebi que algumas pessoas olhavam para mim com um ar desconfiado, pensavam que era agente disfarçado que foi mandado pelo Ministério da Saúde para supervisionar o trabalho deles. O outro constrangimento tem a ver com a língua Changana que era muito falado pelos coveiros do cemitério de Lhanguene, Changana que constitui a segunda língua mais falada pelos informantes além do Português. Para mim constituiu uma limitação na compreensão de alguns termos durante as discussões em grupo.

Para ultrapassar esta limitação tive ajuda do chefe do posto do cemitério de Lhanguene que por sua vez disponibilizou uma das suas secretarias para ser minha guia, mas que ela não podia levar mais de duas horas comigo na cemitério enquanto decorria as entrevistas, portanto, apelou que chegasse antes das 10h para a secretaria ser minha guia das 8h até as 9h30, a falta de tempo e rejeição por parte de alguns potenciais informantes (indicados) fez com que prolongássemos o tempo de trabalho de campo, porque foram adiando e outros nunca chegaram a ser entrevistados. A, pois, a secretaria se ausentar tive que dar umas moedas para alguns coveiros para dar continuidade com as entrevistas.

Atravessei momentos de incertezas, perguntando-se se realmente era aquele tipo de universo que queria pesquisar ou não, como ser humano (não trabalhador funerário) foi difícil encarar os corpos, o cheiro cadavérico, as reclamações de certas famílias pela demora de entrega dos corpos dos seus entes queridos, choros e lamentações, resumindo todo aquele ambiente que caracteriza o ambiente mortuário.

Face ao assunto deste subcapítulo (desafios na recolha de informação), achei relevante lembrar que em “Os argonautas do pacífico ocidental” Malinowski (1978), deixa-nos um legado de extrema relevância sobre os procedimentos e condições de recolha de informação para a produção e reprodução do conhecimento antropológico, no entanto que um conhecimento científico. E, naturalmente, um desses procedimentos é mostrar as dificuldades e/ou obstáculos enfrentados aquando da recolha de informação etnográfica.

CAPÍTULO V

5. Apresentação, discussão e análise de resultados

5.1. Emoções das famílias e agentes funerários face as reconfigurações dos rituais fúnebres

No presente estudo, o que se mostra da análise de depoimentos e das minhas vivências no hospital, nas agências funerárias e no cemitério, é notável que os trabalhadores funerários estão atentos aos riscos que seu trabalho representa para sua saúde pior nesse momento da Covid-19. A interferência no processo normal do luto das pessoas envolvidas no cenário pandêmico se dá através das especificidades de contágio da doença em questão, onde as mortes podem ser mais frequentes do que aquelas com as quais estamos acostumados a lidar. Devido às especificidades de contágio no contexto de pandemia, as mortes podem ser mais frequentes do que aquelas com as quais estamos acostumados a lidar, podendo ocorrer abruptamente e demandando rituais diferentes do que aqueles com os quais as sociedades estão familiarizadas, Cruz (2020).

A reconfiguração dos rituais fúnebres, desde o início até a chegada do corpo nos cemitérios, com a redução das horas do velório assim como de permanência nos enterros, então, apontamos estratégias que já estão sendo colocadas em prática quando não há possibilidade de despedida presencial que, embora não substituam os rituais fúnebres tradicionais, é possível que auxiliem no processo de luto pois oferecem oportunidades de elaboração emocional e cognitiva diante da perda.

Por seu caráter abrupto, acaba por exigir rituais diferentes daqueles com os quais as sociedades estão familiarizadas. A ideia de que o trabalho funerário é uma forma de manutenção da dignidade humana e ajuda é partilhada tanto pelos trabalhadores funerários como pelas famílias e inclusive órgãos administrativos. Antes da pandemia da COVID-19, Moçambique nunca havia experienciado um luto tão massificado, assim, cada cultura apresenta enfrentamentos específicos frente à morte e quais os comportamentos e rituais que devem ser cumpridos pelos enlutados e, ao longo do tempo, as manifestações diante da perda e do luto sofreram alterações que foram documentadas e estudadas por diversos pesquisadores nos mais diferentes âmbitos de atuação.

Sem poder viver esses marcos de uma forma culturalmente condizente, que cumprem a função de organizadores emocionais para o luto, há mais chances de ocorrer complicações no processo de elaboração da perda, este cenário aliado ao distanciamento social, necessário para a contenção do contágio da doença, leva à suspensão ou ausência de estratégias tradicionais de luto e rituais de despedidas.

Os corpos levados directo ao cemitério, a partir da morgue, por motoristas das viaturas dos quais fizemos menção, são descarregados sem apoio familiar e com ajuda de coveiros devido ao medo de contágio por membros da família, e são colocados num carrinho concebido para carregar caixões ou urnas contendo corpos no seu interior. Em seguida, os motoristas fazem-se às suas viaturas e vão-se embora, mas não directamente a agência, mas sim ao armazém para desafetar o carro. Tudo isso faz parte de um cenário, que também se pode descrever como um ambiente de choros, tristezas e angústia por parte dos participantes.

Por outro lado, deve-se à característica do ambiente mortuário/fúnebre que é representado e simbolizado com dor, choros e tristeza, principalmente por parte das pessoas mais próximas do finado, como escreve Morin (1997): A morte do outro causa mais dor nas pessoas para quem o morto era próximo, então manifestar e assumir a comercialização destes serviços ou força de trabalho seria uma ofensa moral à sociedade “vivente” e às pessoas com quem estes se relacionam, neste caso, os familiares do finado.

Crê-se que a melhor atitude diante da morte e ritos fúnebres deve ser livre de questões materiais e “mundanas. A sociedade elabora respostas cerimoniais e rituais, com o objetivo de auxiliar a transposição de passagens críticas que vivenciamos ao longo da vida. As cerimônias são como as etapas de um ciclo que desejamos marcar e revelar, uma espécie de moldura que determina, demarca e torna consciente, tanto individualmente quanto socialmente, os fins e inícios.

Os rituais de passagem são cruciais para o grupo social ou da cultura. Eles localizam o ciclo temporalmente, iniciando-o ou finalizando-o. Os rituais fúnebres indicam a ideia de que a sequência de atividades humanas se completou. Neste sentido, a sociedade toma conhecimento do término das relações sociais.

A verbalização dos trabalhadores de que desempenham uma função como outra qualquer foi também mencionada por Marinheiro (1990), em artigo sobre saúde dos "operários da morte". Esses trabalhadores mostram-se conscientes de que tal trabalho gera curiosidade e perplexidade em seus amigos e parentes.

5.2. Realização dos rituais fúnebres em tempos da pandemia de Covid-19

Neste subcapítulo apresento e discuto a realização dos rituais fúnebres em tempos da pandemia de Covid-19, com objectivo de apreender como os indivíduos percebem e que sentido atribuem ao enfrentamento dos sentimentos emocionais originados pelo contacto de cadáveres e familiares afectadas pela dor, causada pela perda de um ente querido no contexto da pandemia de Covid-19.

Existem várias estratégias adoptadas por indivíduos que trabalham para a indústria funerária em Maputo com vista a gerir as suas emoções, durante o trabalho, entre elas podemos encontrar a familiaridade com o mundo funerário, determinada pela mestria e fruto de longa experiência no processo. A vivência prolongada e contínua em ambiente de mortes e choros ou lágrimas constitui um dos factores determinantes na integração dos sentimentos de dor na vida quotidiana.

Eu perdi minha filha e ela tinha a covid-19, houve mais mortes do que o esperado, por uma pandemia que execra o mundo todo, e pela qual muitos não podem nem se despedir direito de parceiros, pais, tios, amigos, vivendo a pior dor de suas vidas, sem uma pausa para o ritual do luto. Caixões estão chegando fechados aos cemitérios, para evitar que familiares corram o risco de se contaminarem, uma das coisas que será difícil de realizar é a missa de um ou cinco anos, porque quando chegava o corpo como pessoal da agência funerária, não abriam o caixão, ficamos na dúvida de que é nosso ente querido que lá está ou não. Porque iremos prestar culto um dia a uma pessoa que por ventura não é minha filha (Nelson, de 60 anos de idade, motorista).

Quando pensamos em ritual fúnebre, é muito possível que a imagem que nos venha à mente seja aquela que mais se alinha com nossa cultura e crença. Eu, por ter uma criação cristã, imagino um ritual fúnebre com velório com caixão centralizado e flores, homenagens pessoais, leituras bíblicas e subsequente o enterro.

Segundo Menezes e Gomes (2012), em todas as sociedades, no evento da morte de alguém, a família e seu círculo social respondem de maneira estruturada com base nos sentidos compartilhados pelo grupo. As referências culturais determinam os cuidados com o corpo e seu destino, além da configuração e prescrição de normas para o período de luto.

Uma vez que proibiam as enchentes nas capelas dos cemitérios para a realização dos velórios, a minha família optou por realizar o velório em casa, assim as pessoas tinham mais oportunidade de despedir o seu ente querido e a preferência para a realização do velório em casa era mais para as pessoas estarem em fluxo e daí podia seguir um número reduzido ao cemitério. Já que é nossa tradição despedir o nosso ente querido, nos somos uma família de amor acolhedor, podemos não nos falar, mas quando chega aquele momento, todos queremos lá estar e prestar o nosso último adeus, mas por conta das restrições não era possível (André, de 35 anos de idade, Tanatopraxista).

Todos os povos ritualizam a despedida de seus mortos. Os rituais têm valor simbólico, expressam aquilo que não conseguimos dizer em palavras. O velório e o enterro são rituais clássicos que dão à família e aos amigos a oportunidade de estruturar a perda e se despedir daquele que se foi. Agora, mediante a pandemia, estão proibidos ou limitados para evitar o contágio do vírus visto que a transmissão do coronavírus pode perdurar por até 72 horas após a morte, além de funerais serem locais de muito contacto e proximidade física. Partindo de Souza (2019), os rituais relacionados com a morte, como os funerais, servem para contextualizar a experiência, permitindo as mudanças de papéis e a transição do ciclo de vida.

Além do mais, podem oferecer à família o suporte da sensação de pertencer a uma cultura capaz de proporcionar respostas previsíveis num momento em que o choque da perda pode a deixar entorpecida e desarticulada.

O combate à Covid-19 alterou tradições funerárias, o funeral em Moçambique é algo comunitário, não individual. Porque, quando alguém morre, a comunidade toda sente o luto e divide a tristeza com a família do falecido, você precisa que as pessoas venham, lhe confortem e lhe encorajem, para que a dor da passagem do ente querido seja curada (Cândido, de 50 anos de idade, professor).

Sem poder viver esses marcos de uma forma culturalmente condizente, que cumprem a função de organizadores emocionais para o luto, há mais chances de ocorrer complicações no processo de elaboração da perda. Os rituais fúnebres fazem parte de uma ‘aprovação’ social para expressão do sofrimento, e quando isso é modificado, a resposta ao luto também corre o risco de ser alterada.

Nessa ordem de ideia, segundo Souza (2019), entende-se que a forma de ritualização de uma sociedade revela como essa sociedade se organiza e reorganiza diante das mudanças e como ela simboliza esses momentos. Portanto, pensar em ritual fúnebre é tratar do sofrimento psíquico, com sérias implicações para a saúde mental dos indivíduos e para a vida social.

Nós os trabalhadores da área dos mortos, numa primeira fase temos consciência de perigo de “contágio de doenças”, mas o perigo morre quando pensamos que estamos habituados, você há-de ouvir a todos dizendo que já estão habituados”, mas tem uma coisa que não tomamos em consideração: o perigo a que se expõe à família. Por exemplo todos nós fomos advertidos para que não levássemos a roupa do trabalho à casa ou pelo menos não devíamos pôr dentro de casa para não contaminar a família (Castigo, 44 anos de idade, coveiro).

Granjo em “Trabalhamos sobre um barril de pólvora” defende que “os perigos são percebidos, entendidos e manipulados e são potenciados e limitados por factores sociais. Segundo esta narrativa, no contexto do meu estudo, o que define a existência do perigo é essa “consciência de perigo”, que Granjo chama de “reconhecimento e identificação.”

E, como tal os actores sociais, de acordo com a sua percepção, accionam mecanismos sociais para a sua potenciação e limitação. Para o caso dos profissionais da morte em estudo existem dois discursos: sendo um de potenciação e, outro de limitação.

Na minha família é comum criar uma narrativa para a morte, baseada em como a pessoa ficou doente, quando foi internada, o que aconteceu durante essa internação, a fase da complicação, e como ocorreu a morte em si. Os pacientes contaminados são isolados, não permitindo aos familiares desenvolver essa

narrativa. Deixar a pessoa no hospital, nunca mais vê-la e não saber o que se passou é muito perturbador” (Humberto, 30 anos, Tanatopraxista).

Franco (2009) traz a compreensão do luto como algo que está em nossa história passada, presente e futura e destaca a preocupação em não considerar luto como uma doença ou em torná-lo uma experiência psicologicamente patológica, como foi tratado no início dos estudos sobre o tema. Ao longo destas análises e da correlação dos pontos levantados pela nossa pesquisa, acreditamos que a pandemia da COVID-19 tem o potencial catalisador de reestruturação das demandas vigentes e emergentes em saúde mental e do fenómeno do luto em Moçambique, sendo a primeira vez na história que vivenciamos a ocorrência frequente de mortes nos mais diversos grupos sociais, nos levando a crer que este pode reverberar na forma com que a morte é encarada e estudada no país.

Outra alternativa que surgiu em meio à pandemia é o adiamento da cerimónia para quando esse momento de contaminação mais severa passar. Foi uma fase impactante, o normal era de a família carregar o corpo, mas por causa desse vírus que vem arrasando o mundo, não era possível as famílias carregarem o seu ente querido, portanto tinham que dar um valor simbólico ao pessoal do cemitério para quando chegasse o corpo eles carregassem, isso em casos de mortes normais, por covid-19, o pessoal da saúde é que zelava o enterro, por não ser uma morte qualquer (Cacilda Mahumane, 30 anos de idade, Tanatopraxista).

Em um velório, a família tem a oportunidade de organizar a cerimónia da forma que acham que pessoa que partiu poderia gostar, visando que a cerimónia faça sentido para o que a pessoa foi em vida, além de poder reunir pessoas queridas e ter a oportunidade de compartilhar a dor, ao mesmo tempo que a alivia, com os outros.

No momento, todos esses factores contribuintes para a construção da ‘narrativa da perda’ estão reconfiguradas. Conforme Menezes e Gomes (2012), na contemporaneidade, o ritual fúnebre configura uma imagem específica do falecido, produzindo consenso ou controvérsia entre familiares, amigos e grupos de pertencimento. Logo, a perda em contexto de pandemia passa a ser algo vivenciado em solitude ou afastamento, diferentemente do costume.

5.3. Diferentes manifestações do luto em contexto da covid-19

De acordo com o dicionário de língua portuguesa, Ferreira (2010), luto diz respeito ao sentimento de dor perante a morte de alguém. Porém, a pandemia da COVID-19 perturbou e modificou as vivências usuais do luto. O luto é a resposta à ruptura de um vínculo afectivo significativo, onde a dimensão do luto, junto de seu significado, é proporcional ao vínculo existente entre o enlutado e a pessoa que partiu. Entende-se o luto como uma vivência subjectiva e singular, experienciado de maneira única e diferente por cada indivíduo. De acordo com Braz e Franco (2017), tal processo constitui-se como uma experiência dotada de significado, multideterminada e cultural.

Segundo Braz e Franco (2017), falar em múltiplos factores que constituem o desenvolvimento do luto e contribuem para que ele ocorra é identificar o tipo de relação e vínculo existentes; em caso de morte, a idade (mortes de crianças tendem a dificultar o processo de elaboração) e o tipo de morte (naturais ou esperadas, acidentais ou inesperadas e suicídios), se existe o corpo e se foi possível realizar os rituais funerários significativos para a família; como foi a vivência durante o processo de rompimento, em caso de morte; se recebeu apoio e afecto e se existe algum recurso espiritual.

O luto engloba diversas respostas emocionais, cognitivas, comportamentais e físicas que são consideradas, conforme Souza e Souza (2019), como reações normais e esperadas frente ao rompimento de uma relação significativa, pois se compreende que ocorre não simplesmente uma morte, mas a partida de alguém amado em circunstância dolorosa, mas Wallace et al. (2020), definem o luto com um processo de adaptação às perdas. Quando essas perdas envolvem pessoas da rede socioafetiva, algumas tarefas são essenciais para elaboração do luto, mas é possível questionar como essas etapas estão sendo directamente afectadas e reconfiguradas pela pandemia da Covid-19.

Quando tratamos das mortes em pandemia, estamos visando a possibilidade de famílias serem ceifadas de uma vez só tendo que vivenciar reestruturações e reconfigurações rápidas. O escritor e compositor José Miguel Wisnik (2019), definiu o luto como a internalização da pessoa que morreu. O processo do luto seria ocupar um mundo desertificado por essa ausência.

Aos poucos, vamos recompondo esse espaço, nos transformando naquilo que se perdeu, que passa a viver em nós. Porém, em meio a tantas perdas, a organização de um espaço emocional para lembrar das pessoas falecidas e internalizar suas ausências acaba sendo comprometido, ao mesmo tempo que este ponto é trazido por Worden (2018), como importante para aqueles que viveram poderem dar continuidade à suas vidas.

De certa maneira, todos já vivemos uma espécie de luto, em maior ou menor grau, pela enorme mudança e reconfiguração social que enfrentamos. Temos micro e macro lutos. Obviamente o maior é a morte de alguém que amamos, mas também experimentamos lutos menores quando, por exemplo, perdemos o emprego ou nos separamos, temos que normalizar a morte independentemente do contexto em que nos encontramos (Rodney, 20 anos de idade, estudante UEM)

Segundo Wallace et al (2020), o luto antecipatório tradicionalmente é uma resposta normal que ocorre com um paciente ou família diante de um diagnóstico terminal e costuma favorecer o preparo emocional. Porém, a pandemia tem contribuído para circunstâncias cada vez mais difíceis e o potencial para uma configuração de um luto antecipatório amplificado.

Essa condição de ‘luto amplificado’ é derivada da consciência diária, através dos veículos mediáticos e redes sociais, dos mapas globais de contágio e número de mortos que podem contribuir para a sensação de que o vírus ‘está chegando’ perto, aumentando o sofrimento por antecipação. As experiências com a morte se tornam mais pessoais a medida que comunidades ou pessoas próximas são afectadas. O luto antecipatório de acordo com Wallace et al (2020), acaba sendo resultado da incerteza além da tentativa de elaborar o que pode estar vindo.

O momento de uma pandemia é peculiar também sob o ponto de vista da morte. Num cenário de pandemia, não há condição de dar sentido ao processo da morte. As pessoas vão morrer sozinhas, ninguém vai poder pegar na mão, pois as visitas são proibidas. O impacto dessas perdas vai tornar o luto ainda mais complicado. Muitos familiares vão precisar de apoio extra, são lutos decorrentes de óbitos repentinos, agressivos, sem tempo para se acompanhar o processo. Os familiares devem ter suporte constante de outros parentes e

amigos para superar a tragédia imposta pelo coronavírus (Hermínia, 40 anos de idade, Psicóloga).

Crepaldi et al. (2020) destacam que o local e a condição em que a morte ocorreu também trazem implicações; como discutimos no capítulo anterior, a ausência do ritual de despedida, caso a pessoa tenha falecido no hospital, isolada da família, tende a contribuir para o desenvolvimento de um quadro de luto complicado. Como velórios e enterros, estão proibidos ou sendo realizados com restrições e o cadáver deve ser acomodado em caixão lacrado antes da entrega à família.

Essas mudanças tendem a tornar ainda mais desafiador o processo de luto, sobretudo como foi apontado por Ingravallo (2020), quando os familiares consideram que o falecido não recebeu o ritual funerário que merecia ou quando não houve a oportunidade de serem confortados e oferecerem conforto às pessoas próximas, algo que foi apontado na análise anterior como um importante auxílio na elaboração das perdas por morte.

Houve muitos casos de contaminação, perdi uma média incalculável de colegas, só que isso é mantido em segredo; as pessoas nunca dizem, aquela coisa de dizermos que estamos habituados, aquilo não se habitua, quando vamos para lá pegamos os corpos à mão, as contaminações existem, sempre existiram e continuam a ocorrer, (Benny, 63 anos. Tanatopraxista).

Conforme referimos anteriormente, a contração de doenças, a Covid-19 está entre os perigos mais temidos entre os profissionais mortuários, pois, a ideologia biomédica impõe o discurso segundo o qual a contração dessa doença é proporcional à exposição insegura e sem proteção por parte dos «operários da morte».

Não obstante, o discurso médico está em constante confronto contra a ideia colectiva de hábito, que, por sinal, é o elemento-chave para a «normalização profissional da exposição ao perigo» (Granjo,2004:44).

Nos colegas dessa agência funerária, sempre partilhamos o mesmo espaço sem olhar o outro com estranheza, mas sentimos na pele pelo lado familiar, amigos e vizinhos. Os amigos e vizinhos uma vez que sabem que eu trabalho como motorista numa agência funerária, eles começaram a se distanciar de mim e já tinham preconceito pensando que em algum momento posso ter covid-19 uma

vez que transporto corpos vítimas de covid-19. A minha esposa tinha medo a cada que passava, a pergunta que não lhe deixava sossegada é, será que não será dessa vez que ele trará o vírus aqui em casa? Quando chegasse em casa tinha de parar na varanda e tirar roupas e fazer banho e a posteriori entrar dentro de casa, (Nelson 40 anos, motorista).

Os trabalhadores funerários também percebem o seu trabalho como um campo de ascensão social e busca de prestígio, pois também nos foi revelado que prestar estes serviços é um meio para tornar-se imortal na memória colectivas das pessoas a quem se serve e conquistar veneração destas a longo prazo. Os agentes funerários estudados por McFarland, na Escócia, percebem a sua actividade tanto como “profissão” quanto como um “estilo de vida”.

Parece ser mesmo importante analisar os processos sociais, no entanto que estilo de vida, e provavelmente, seja isso que os actores ou indivíduos percebem das suas ações quotidianas, não só pensam naquilo que fazem, de acordo com a forma como é classificado, mas também como uma forma de ser e estar no mundo, uma forma de afirmar e justificar a sua existência.

Frente a uma morte no contexto pandémico normal, as famílias já tinham medo de carregar os seus entes queridos por vários pensares. Foi um momento, digo eu, não de enterrar, mas sim de deitar os corpos. Mesmo nós, quando soubemos que um dos nos sos colegas tinha sido contaminado ficamos meios assim com a situação, mas tínhamos que trabalhar por não haver outra alternativa para garantir pão. Lembro que num dos episódios, quando veio uma senhora para comprar caixão, ela recusou de entrar para escolher alegando que estava com medo de ser contaminada, por isso o pessoal da agência tinha que tirar fotos dos caixões e lhe mostrar ela estando fora, (Agostinho 60 anos, motorista).

Num estudo baseado em história oral dos trabalhadores funerários na Escócia, McFarland constata que o trabalho funerário foi reconhecido, não só como uma profissão de compaixão, mas também como um mecanismo de salvaguardar a dignidade do finado, e aconselhar e ajudar as famílias enlutadas (McFarland, 2006:73). A ideia de que o trabalho funerário é uma forma de manutenção da dignidade humana e ajuda é partilhada tanto pelos trabalhadores funerários como pelas famílias e inclusive órgãos administrativos.

CAPÍTULO VI

6. Considerações finais

O que diferencia esse período actual de mortes muito numerosas e frequentes, que nos leva a acreditar que o luto na pandemia é inevitável, é que neste caso, a doença, e possibilidade da morte, atinge todos os grupos, independente de quem nega a sua gravidade ou considera-se inatingível por ela acredita. É importante ressaltar que a morte e o luto, além de serem vividos individualmente de forma singular, também são vivenciados de formas socialmente diferentes pois atingem principalmente as pessoas em situação de vulnerabilidade social. Quando uma das directrizes principais de protecção ao contágio pelo coronavírus é que aglomerações sejam evitadas e que a higienização dos espaços e pessoas sejam constantes, não podemos descartar a realidade de alguns países em que milhares de pessoas vivem em situação de aglomeração dentro de casa, em espaço público e com pouco ou nenhum acesso a saneamento básico e cuidados em saúde.

Encaramos essa análise, juntamente com as outras que estão sendo produzidas diariamente no nosso País, como portadoras de um grande potencial de contribuição para os estudos do fenómeno do luto inteiramente baseados em nossos próprios significados culturais e sociohistóricos, enquanto nação, de compreender e lidar com as perdas em massa acarretadas pela pandemia da COVID-19.

Um discurso muito disseminado é um desejo pelo retorno a normalidade quando, na verdade, a normalidade anterior não poderá voltar depois de mais de milhares de Moçambicanos mortos. O que podemos fazer é construir estratégias de cuidado e adaptação diante de um novo cenário que ainda não podemos definir qual será. Acredito que essa pesquisa, enquanto produto inédito do curso de licenciatura, poderá contribuir para a disseminação da gravidade dos efeitos que a pandemia pode acarretar para nossas vidas por um longo período mesmo após a produção de uma vacina.

7. Referências bibliográficas

ARIÈS, Philippe. 1985. *O Homem Perante a Morte*. Europa-América Martins Publicações.

BAYARD, Jean-Pierre. 1996. *Sentido oculto dos ritos mortuários: Morrer é morrer?* 1. ed. São Paulo: Paulus.

BEE, Helen. 1997. *O ciclo vital*. Porto Alegre: Artmed.

BRAZ, Mariana Sarkis; **FRANCO**, Maria Helena Pereira. 2017. *Profissionais Paliativistas e suas Contribuições na Prevenção de Luto Complicado*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 37, n. 1, p. 90-105. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001702016>. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?scriptsci_arttext&pidS1414-8932017000100090&lngen&nrmiso. Acesso em: 11 Julho. 2022.

CABRAL, João de Pina. 1984. “A morte na antropologia social”. *Análise Social*. v. 20 (2o-3a), no 81- 82, 349-356.

CAPARROZ DE SOUZA, K. C; Magali Roseira Boemer. 1998. *O significado do trabalho em funerárias sob a perspectiva do trabalhador*.

CATROGA, Fernando. 2010. “O culto dos mortos como uma poética da ausência”. *ArtCultura*, v.12, n.20, p.163-182.

CECCON, Neila Jucilene. 2017. ‘A morte e o luto na perspectiva da psicologia humanista’. *Anais do EVINCI-UniBrasil*, v. 3, n. 2, p. 883-899.

DE OLIVEIRA, Márcio. 2012. “O conceito de representações colectivas: uma trajetória da divisão do trabalho às formas elementares”. *Debates do NER*. Porto Alegre, ano 13, n. 22 p. 67-94.

DOUGLAS, Mary. 1991. *“Pureza e Perigo: Ensaio sobre a noção de poluição e tabu*. Lisboa: edições 70.

FRANCO, Maria Helena Pereira. 2009. “Luto como experiência vital”. In: Santos FS, editor. *Cuidados Paliativos: Discutindo a vida, a morte e o morrer*. São Paulo: Atheneu; p. 245- 56.

- FUKUMUTSU**, K. 2012. *Perdas no Desenvolvimento Humano: um estudo fenomenológico*. 2. ed. São Paulo: Digital Publish & Print Editora.
- GEERTZ**, Clifford. 1989. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- GIACOIA**, Oswaldo. 2005. A visão da morte ao longo do tempo. *Medicina (Ribeirão Preto)* 38 (1): 13-19. São Paulo: IIFCH-UNICAMP.
- GIL**, A. C. 2002. *Como elaborar projecto de pesquisa*. São Paulo: Atlas,
- _____. 1995. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Editora Atlas.
- GIUSTINIANI**, Pasquale. 1993. *O Homem: Fascínio e Desafio*. Lisboa: Edições Paulistas.
- GRANJO**, Paulo. 2004. “Trabalhamos sobre um barril de pólvora”. *Homens e Perigo na refinaria de sines*. Lisboa: ICS-UL.
- GUBER**, Rosana. 2001. *La Etnografia: Método, campo y reflexividad*. Bogotá: Grupo editorial norma.
- GUERREIRO**, Emanuel. 2014. “A Ideia de morte: do medo à libertação”. *Diacrítica*. Braga, v. 28, n. 2, p. 169-197.
- HERTZ**, Robert. (1970). “Contribution à une étude sur la représentation collective de la mort”. In: *Sociologie Religieuse et Folklore*. Paris: Presses Universitaires de France, 1-83.
- KOVÁCS**, Maria Júlia. 1992. *Educação para a morte*. Temas e Reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo: Fapesp.
- LAKATOS**, E. M. & Marconi Marina de Andrade. 2003. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas.
- Lakoff**, George, e **Johnson**, Mark. 1980. *Metaphors we Live by*, Chicago, The University of Chicago Press.
- LIHAHE**, Danúbio. 2010. *A indizível cor da dor: Morte, sofrimento e reintegração em Maputo*. [Dissertação de Mestrado] Lisboa: ICS-UL.

LIMA, Jorge Luíz. {s/d} Morte e Morrer: a importância do estudo da morte para profissionais de enfermagem. Disponível em www.professores.uff.br/jorge/morte.pdf consultado em 09/04/2013 10:30.

LUNDIN, Iraê Baptista. 2016. *Metodologia de Pesquisa em Ciências Sociais*. Escolar Editora, Moçambique-Maputo.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1978. “Introdução” *Argonautas do pacífico Ocidentais*. São Paulo: Edições Abril.

MCFARLAND, Elaine 2008. *Working with death: An oral history of funeral directing in late twentieth century Scotland*. Glasgow: University of Glasgow.

MENEZES, Rachel Aisengart; Gomes, Edlaine dos Campos. 2012. “Seu funeral, sua escolha: rituais fúnebres na contemporaneidade”. *Revista de Antropologia*. v. 54, n. 1.

MINAYO, Mária Cecília de Souza; Odecio Sanches. 1993. “Quantitativo-Qualitativo”: *Oposição ou Complementaridade?* Caderno Saúde Pública, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262.

MORIN, Edgar. 1997. *O Homem e a morte*. Rio de Janeiro: IMAGO.

MOSCOVICI, Serge. 1978. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

SÊGA, Rafael. 2000. “O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici”. Porto Alegre.pp.128-133.

SOUZA, Christiane Pantoja de; Souza, Airle Miranda. 2019. “Rituais Fúnebres no Processo do Luto: significados e funções”. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 35, p. 1-7.

SPINK, Mary Jane P. 1993. “O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial”. *Caderno de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308.

STEINPACH, Richard. 1993. *Por que vivemos após a Morte*. 2ª edição. Stuttgart: Stiftung Gralsbotschaft.

VAN GENNEP, Arnold. 2011. *Os ritos de passagem*. 3ª edição. Petrópolis: Editora Vozes.

WALLACE, Cara L. et al. 2020. "Grief During the COVID-19 Pandemic: considerations for palliative care providers". *Journal Of Pain And Symptom Management*. v. 60, n. 1, p. 70-76.

WORDEN, W.2018. *Grief counseling and grief therapy: a handbook for the mental health practitioner*. New York: Springer.